



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

O “ativismo.com”: reflexões sobre petições online – o exemplo da plataforma Change.org

Vilma Felix

vilmafelix@hotmail.com

Universidade Federal de Pernambuco

Brasil

Aloizio Lima

aloizio.lima.barbosa@hotmail.com

Universidade Federal de Pernambuco

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

A Change.org é uma plataforma de petições online que traz em suas definições e objetivos, valores que se mostram fundamentais para o entendimento de um tipo específico de ativismo, onde a perspectiva de mudança parece ser o caminho para entender a sua forma de organização e funcionamento. Nossa proposta neste trabalho é compreender que tipo de ativismo está presente nesta plataforma e como ele se orienta transnacionalmente ou globalmente. Pretendemos mostrar como uma relação singular, presente na plataforma, passa a fazer parte de uma ideia mais ampla de ativismo e que indica uma relação entre o modelo das organizações não governamentais, da organização empresarial e tecnológica e um tipo de ativismo que depende da vontade individual. Iniciaremos com algumas considerações metodológicas sobre a operacionalização, seleção e construção dos dados que levantamos no período entre 20 de novembro de 2016 e 03 de fevereiro de 2017. Em seguida faremos uma contextualização mais geral, que engloba as transformações do capitalismo, em seu sentido moral, que legitimou determinados valores e como eles podem estar presentes na plataforma. Também faremos uma análise dos dados recolhidos, levantando as principais características encontradas na plataforma e em algumas petições e como elas se relacionam com alguns aspectos encontrados no ativismo de uma maneira geral. Por fim faremos algumas considerações, na tentativa de alcançar nosso objetivo inicial, que é compreender a noção de ativismo disseminada na plataforma, levando em consideração se ela lida com a ideia da transnacionalização ou com as ações direcionadas globalmente.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ABSTRACT

Change.org is an online petition platform that brings in its definitions and objectives values that are fundamental to understanding a specific type of activism, in which the perspective of change seems to be the way to understand its organization and operation. Our proposal is to understand what kind of activism is present in this platform and how it is oriented transnationally or globally. We intend to show how a singular relationship, present in the platform, becomes part of a broader idea of activism and indicates a relationship between the model of non-governmental organizations, business and technological organization and a type of activism that depends on the individual will . We will start with some methodological considerations about the operationalization, selection and construction of the data that we produce in the period between November 20, 2016 and February 3, 2017. Next we will make a more general contextualization that encompasses the transformations of capitalism in its moral sense, which legitimized certain values and how they may be present on the platform. We will also do an analysis of the collected data, pointing out the main features found on the platform and in some petitions and how they relate to some aspects found in activism in a general way. Finally, we will make some considerations in the attempt to reach our initial goal, which is to understand the notion of disseminated activism on the platform, taking into account whether it deals with the idea of transnationalisation or with global actions.

Palavras-chave

Ativismo; Petições online; Plataformas de petições online

Keywords

Activism; Online petitions; Online petitions platforms



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introdução

“Acreditamos que todo mundo tem poder para fazer mudanças e incorporar isso no seu dia a dia. A Change.org é uma plataforma aberta e garante espaço a todos os pontos de vista. Por isso qualquer pessoa em qualquer lugar pode interferir nas questões que considera mais importantes.”

Autodefinição da plataforma Change.org

“Uma comunidade transnacional que é mais democrática e poderia ser mais eficaz que as Nações Unidas”

Comentário sobre o AVAAZ presente na plataforma

Essas pequenas definições presentes nas plataformas *Change.org* e AVAAZ, podem não dizer muito sobre o funcionamento e a forma de mobilização que são características dos dois sítios, mas dão uma boa noção do tipo de percepção que está subjacente em cada uma delas. Alguns valores que podem ser percebidos como fundamentais na maneira como ambas se colocam diante do tema do ativismo. Dessa forma, não tanto pelo via da mobilização, mas sim pelo tema da mudança, a noção de ativismo que mobiliza as duas plataformas parece apontar para elementos muito específicos que repercutem nas suas formas de organização.

O que fica mais evidente se pensarmos a organização e articulação de plataformas como essas é o modo como uma relação muito singular passa a fazer parte da ideia mais ampla de ativismo; a relação entre o modelo das ONGs, a organização empresarial e um tipo de ativismo que depende da vontade individual. Tendo isso em mente, percebemos que as petições online, assim como abaixo-assinados direcionados, ganham destaque e se tornam, pelo menos quando se pensa essas plataformas, o centro das demandas de ação. Assim, a inovação tecnológica, um modelo de gestão que tenha como foco a maximização da visibilidade e a tecnologia como ferramenta de organização e atuação são suas características mais amplas. A plataforma *Change.org* aparece como grande exemplo que condensa essas relações.

A partir dessa pequena reflexão, nossa argumentação seguirá o caminho da seguinte pergunta: que sentido de ativismo mobiliza os articuladores da plataforma Change? A resposta para



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

essa pergunta, que terá como questão subjacente a relação entre a transnacionalização e a globalização do ativismo, passará por uma estrutura específica. Nessa perspectiva, a apresentação da Change será fundamental. Teceremos alguns comentários metodológicos sobre seleção e operacionalização de informações e a construção dos dados, montando uma forma de análise para a Change e, com isso, tentar extrair alguns elementos que apontem para uma noção de ativismo.

A preocupação que norteará a reflexão será a de localizar as condições de possibilidade do surgimento de alguns valores presentes na autodefinição da própria plataforma e a maneira como eles se relacionam com os valores do capitalismo contemporâneo. A análise dos dados para obtermos uma boa noção de como a noção de ativismo presente na Change aponta para duas características específicas, ou seja, a sua organização em termos de gestão e suas demandas direcionadas para o nível institucional. Por fim, como conclusão, tentaremos desenvolver como a Change lida com a ideia de transnacionalização ou com as ações direcionadas globalmente.

Este artigo é o resultado da pesquisa apresentada como trabalho de conclusão da disciplina “Identidade, Política e Ativismo Transnacional”, oferecida pelos Programas de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política, ambos da Universidade Federal de Pernambuco e ministrada pelo Professor Joanildo Burity.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

II. O contexto perdido: notas para o ativismo de empresa

Existe um contexto que permite que os valores contidos nas plataformas de petições online, muito associados ao vocabulário das empresas, possam ser pensados em termos de valores com alguma aproximação da noção de ativismo? Para que essa pergunta possa fazer algum sentido, tendo como problema a própria noção de ativismo que é mobilizada na plataforma, é necessário ter em mente como determinados valores ganharam projeção no mundo contemporâneo e passam por um forte processo de transformação.

Nesse sentido, tentaremos desenvolver o modo como essa noção de ativismo surge dentro um contexto mais amplo de transformação valorativa dentro do próprio capitalismo. A mudança de valores que justificam as ações dentro do capitalismo é resultado de relações específicas entre os elementos que legitimam a acumulação e os aspectos que coloca valores morais dentro dessa mesma acumulação. Com essa premissa inicial, temos uma definição básica do que seria o capitalismo; o processo de acumulação ilimitada, por meios formalmente pacíficos (Boltanski & Chiapello, 2009: 35). A acumulação ilimitada, que tem apenas como impedimento a formalização de meios para isso, precisa ser discutida em termos de valores. Nesse sentido, essa definição aponta para aspectos do capitalismo que precisam de justificações mínimas para que as pessoas possam se envolver em determinada ação. E justificação é a palavra-chave para compreender esse processo de transformação.

As pessoas só podem dar um sentido mínimo para suas ações quando elas conseguem compreendê-las em termos amplos de justificativas. Primeiro, as ações dentro do capitalismo precisam levar em conta o desenvolvimento individual, a dimensão da acumulação propriamente dita. Ela expressa o mais puro momento de realização material. A questão é que, como apontam as clássicas formulações weberianas (Weber, 2004), a atividade no capitalismo aponta para um sentido que, em sua apreciação mais geral, pode ser considerado ético, a partir do momento em que coloca em cena determinados valores, coincidindo com motivações psicológicas. Albert Hirschman (1979) toma esse ponto como fundamental e reformula a questão presente em Weber. A mobilização no



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

capitalismo se dá por dois pontos específicos: (I) o desenvolvimento individual, o ganho propriamente material, é importante mas não esgota a possibilidade dos sentidos das ações; esse sentido só é completo quando faz referência ao (II) bem comum, ao elemento de conexão com uma moral mais ampla. Dessa forma, a ideia de espírito do capitalismo carrega essas conexões, ou seja, carrega as justificativas em termos individuais e sua referência ao bem comum, ao modo como a ação se sustenta quando é avaliada em parâmetros morais.

Mas, como essa discussão tem a ver com o ativismo da plataforma Change? O processo de transformação desse espírito do capitalismo é que dará essa resposta. Boltanski e Chiapello (2009) apontam para a existência de três espíritos¹ ao longo do processo de consolidação do capitalismo. O primeiro desses espíritos é o bem conhecido espírito desenvolvido em Weber. A ideia de que o pequeno empreendedor familiar se coloca em uma posição de desbravador, de mudança de mentalidade e de concretização de um tipo de racionalidade propriamente capitalista. A partir daí, com o desenvolvimento das atividades e das empresas, o capitalismo sofreu fortes críticas por sua falta de regulação e a maneira como as pessoas estavam desassistidas em suas atividades de trabalho. Com a crise em 1929, o capitalismo, incorporando algumas das críticas impostas a ele, reconfigura seu espectro de valores, coloca a regulação do trabalho, a racionalização da produção e a criação dos modelos de indústria como seu segundo espírito. Como a generalização do modelo da indústria, as críticas, que ganharam muita força, passaram a focar na forma como esse modelo tirava a liberdade das pessoas e feria sua formação subjetiva. Dessa forma, o capitalismo ensaia o seu terceiro espírito, que só se consolida no final dos anos de 1980; o espírito que tem como fonte de valor o empreendedorismo (Boltanski & Chiapello, 2009: 49-52).

Alguns valores ganham maior preponderância e passam a ser modelos de ação. Noções como as de liberdade, autenticidade e inovação começam a fazer parte, como modelos, de todas as esferas da vida. O empreendedorismo, como elemento de transformação do terceiro espírito do capitalismo, tem afinidades eletivas como o neoliberalismo, no sentido de que ele próprio demanda

¹ Boltanski e Chiapello, para fundamentar melhor essa noção de espírito, a associam com o conceito de ideologia desenvolvido por Louis Dumont (Boltanski & Chiapello, 2009: 39). Assim, o espírito é o conjunto de valores e significados associados a um dado tempo histórico. Esses valores incidem na cultura e na subjetividade das pessoas, assim como serem mudados e reformulados (Dumont, 1983).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

uma auto-responsabilização individual e uma diminuição das atividades de assistência relacionadas aos Estados. Isso culmina, no começo dos anos de 1990, com a ascensão do modelo ONG de atuação social, ou seja, o Estado deveria delegar suas funções a iniciativas privadas, não mais estatais, e a modelos alternativos de assistência. Se podemos definir um conceito para isso, talvez podemos falar em empreendedorismo social.

Numa reflexão sobre a noção de empreendedorismo social no Brasil e Estados Unidos, Azevedo (2015), o empreendedor é, no fundo, um exímio vislumbrador de oportunidades, um inovador do ponto de vista da gestão e do trabalho. O aspecto central, portanto, é entender o empreendedorismo social como próximo ao empreendedorismo individual, no sentido de mobilizar os mesmos valores e ter como o mesmo aspecto, a inovação. A gestão, mais uma vez, acaba se sobressaindo pois, mesmo em termos de um empreendedorismo social, voltado para o impacto e para a intervenção em dada realidade, o modo como se gerencia as ações é fundamental. O elemento fundamental, portanto, é mostrar como as inovações na gestão empresarial acompanham as inovações no terceiro setor e nas praticas propriamente caracterizadas desse terceiro setor. Nesse sentido, a inovação passa todos os terrenos do argumento e apresenta, mesmo associada ao contexto de uma ONG, alto grau de valorização.

Empreendedorismo social, gestão social, empresa social e até negócio social, são as palavras associadas a essas práticas e que, de algum modo, aparecem no contexto mais geral de valorização do empreendedorismo como aspecto moral mais amplo, mobilizados pelas pessoas. Mesmo associado com uma prática, digamos assim, social, o empreendedorismo é visto como ação individual clara, voltada para a inovação e para o aspecto criativo das pessoas. E é nesse ponto que surge uma relação muito específica: a relação entre empreendedorismo, ativismo do ponto de vista da gestão e o neoliberalismo como pano de fundo moral mais amplo. O exemplo da plataforma Change mostra como a noção de ativismo ganha um vocabulário de empresa, ou seja, ela tem como principal fundamento a sua forma alternativa de organização corporativa. É por isso que, como categoria de análise, podemos vislumbrar um ativismo de empresa.

III. Metodología



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Com o objetivo de responder nossa questão de pesquisa, realizamos uma observação sistemática na plataforma de petições online que tomamos como objeto de estudo, a Change (<https://www.change.org/>) entre o período de 20 de novembro de 2016 e 3 de fevereiro de 2017. Levantando aspectos relacionados aos seus objetivos, dinâmica, financiamentos, comunicação, assim como dados mais específicos direcionados às petições.

A plataforma divulga algumas petições de maneira especial e divididas em três categorias: “Destaques”, “Populares” e “Recentes”. Devido à ausência de informações, não foi possível entender os critérios estabelecidos para a categorização das petições. Escolhemos analisar a categoria “Destaque”, por entendermos que era a mais abrangente, continha um maior número de petições e muitas delas apareciam novamente nas outras categorias. Durante a observação não aconteceram alterações ou entrada de novas petições nas três categorias.

O acompanhamento de uma petição específica nos pareceu essencial para analisar como funciona a evolução das assinaturas/apoios e o tipo de comunicação proporcionado pelo site, além da possibilidade de presenciarmos seu sucesso ou não. A escolha da petição seguiu um critério simples que procurou detectar uma demanda de abrangência ou interesse transnacional.

Para acompanhar as formas de interações proporcionadas pela plataforma, decidimos observar outros canais de comunicação divulgados pelo Change, o seu blog (<https://www.change.org/l/br>), que infelizmente permaneceu inativo desde o início da pesquisa até a data final das observações. Também observamos sua página no Facebook (<https://www.facebook.com/Change.orgBrasil>).

Sobre a Plataforma – Dados descritivos

A Change.org é uma empresa americana que iniciou suas atividades em 2007. Chegou ao Brasil em 2012, em um ano de existência a plataforma contabilizava 1,5 milhão de usuários e um



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

crescimento de 106 mil novos participantes/apoiadores por mês, contabilizando 18 mil campanhas².

Em linhas gerais a Change.org é uma plataforma de abaixo-assinados online e gratuita, que permite a qualquer pessoa realizar campanhas de coletas de assinaturas onde queira e sobre qualquer temática, exceto conteúdo pornográfico, *bullying* ou ações criminosas. A plataforma oferece o serviço de entrega das petições, equipes capacitadas para ajudar na apresentação e encontrar patrocinadores. Durante a observação a plataforma indicava presença em 196 países, atuando em 12 línguas diferentes, com um total de 179.649.758 usuários no mundo e 2,5 milhões no Brasil. A plataforma também exibia a marca de mais de 20 milhões vitórias.

Como em toda organização, empresa, ONG ou movimento social que se propõe trabalhar local e globalmente, a questão do financiamento assume uma centralidade, sobretudo quando pensamos numa organização que se define como empresa social cujo modelo de negócio preza por uma gestão eficiente e transparente. Encontramos na plataforma quatro possíveis formas de arrecadação de recursos: as *contribuições de usuários*, são doações dos usuários que variam entre R\$ 20 e R\$ 100 reais mensais. Nesse caso a plataforma decide como e onde utilizar os recursos. Os *Abaixo-assinados Turbinados*, são doações feitas para promover a visibilidade de uma petição específica. Há também as *campanhas patrocinadas*, realizadas por ONGs ou empresas e a Change.com funciona como uma espécie de buscador que conectaria tais petições à pessoas mais predispostas a apoiá-las com recursos ou capacitações, como parece ser o caso da petição que escolhemos acompanhar. A última forma de arrecadação de recursos são os *investimentos*, que consiste em doações feitas por líderes de negócios da tecnologia e da mídia como Richard Branson, Bill Gates, Omidvar Network, entre outros. Nesse tipo de investimento a plataforma acusa já ter recebido US\$ 50 milhões.

Durante a observação encontramos diversas possibilidades de comunicação entre as pessoas que criam as petições e seus apoiadores, são possibilidades de comentários ao final da apresentação de cada petição, o link para um blog, uma conta no Twitter (não contemplada nesse estudo), e uma página no Facebook que, após observarmos durante sete dias, detectamos basicamente que elas se

² <http://extra.globo.com/noticias/brasil/plataforma-de-abaixo-assinados-virtuais-changeorg-contabiliza-15-milhao-de-usuarios-no-brasil-10835288.html>. Último acesso em: 5 fev. 2017.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

resumiam à divulgação, através de fotos ou vídeos, de uma petição por dia, durante os dias de semana, ou seja, segunda a sexta, como normalmente funcionam as empresas. De uma maneira geral observamos um baixo desempenho interativo, resumido a um ou dois comentários na plataforma e cinco postagens no Facebook que receberam ao todo 9 compartilhamentos, 98 curtidas e 15 comentários.

A plataforma apresentou 45 petições como “destaques”. No que diz respeito à abrangência das demandas, podemos dizer que 21 delas se apresentam como nacionais, 19 são locais, 3 são regionais e apenas 2 são internacionais. Apenas uma dessas petições tem origem fora do Brasil, embora isso possa acontecer devido a filtros existentes na página brasileira que podem dificultar uma maior visibilidade de petições de origem internacionais.

Em sua maioria, 21 dessas petições foram realizadas por mulheres, 12 por homens, 10 por organizações ou ONGs e em duas delas não foi possível detectar a autoria. Esse fato contraria um pouco informações apresentadas em matéria de jornal, referenciada anteriormente, a qual indicava uma predominância dos homens na autoria das petições. Os principais temas abordados nessas petições seguem a tendência apresentada nas demandas da rede de ativismo transnacional, dentre as quais podemos citar a questão da política e democracia, direitos humanos, direitos de animais, meio ambiente e ecologia, mobilidade urbana, a questão da mulher e mais especificamente a problemática dos estupros, internet e trabalho.

A plataforma também disponibiliza os destinatários, ou seja, para quem as petições serão encaminhadas. Nesse sentido observamos a predominância de instâncias que extrapolam a própria abrangência das demandas, como demandas nacionais com destinatários como a ONU ou a OEA. O recurso aos governos federais, estaduais e municipais, assim como todas as instâncias do poder judiciário, aparece com destaque nesses destinatários.

A petição escolhida para ser acompanhada se enquadra na temática de direitos humanos. Chama-se “Minha família é alvo de terroristas na Nigéria, permita que eles venham ao Brasil” e foi realizada por uma professora nigeriana, Nkechinyere Jonathan, de 45 anos, juntamente com o projeto Vidas Refugiadas. A descrição da petição indica que Jonathan fugiu de grupos terroristas em



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

seu país e pede a regularização de sua condição de refugiada no Brasil, para que possa trazer a família.

Quando começamos a acompanhar esta petição no dia 20 de novembro de 2016, ela já estava em andamento há um mês e contava com 117.700 apoiadores, com meta de chegar a 150 mil. Quando terminamos a observação em 3 de fevereiro de 2017 a petição possuía pouco mais de 149 mil assinaturas, de modo que não pudemos acompanhar seu desfecho. A petição tinha 28 destinatários, dentre os quais destacamos o governo brasileiro, o Comitê Nacional para Refugiados, Ministério da Justiça, ONU e Comissão Interamericana de Direitos Humanos da OEA. A presença do Projeto Vidas Refugiadas sugere que esta petição possa se enquadrar no que eles chamam de campanhas patrocinadas.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

IV. Do ativismo de empresa às demandas institucionais - O debate sobre ativismo e movimentos sociais

Segundo o mapeamento realizado por Alcântara (2015), o surgimento do ciberativismo, assim como seu conceito, aparece com distintas características atreladas a diferentes etapas do próprio desenvolvimento da internet e das formas do fazer político local e global. Passando desde a utilização da rede de computadores pelos zapatistas no México em 1994, a Batalha de Seattle nos EUA, até as manifestações ocorridas na África, Oriente Médio, Europa e nas Américas a partir de 2011. Assim o uso da internet se atravessa entre uma concepção de ativismo de potencial transnacional onde a inspiração de novas formas de resistência mediada pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação – NTICs indicam que a mobilização, a visibilidade e, sobretudo, a comunicação assumem um papel central.

Nesse contexto o uso da plataforma para realização de petições online não se enquadraria em ações como a desobediência civil eletrônica que pode promover, entre outras coisas, a interceptação ou mesmo bloqueios de sites. Tampouco se relacionaria com o aspecto ilegal do harkerativismo. Mas se pensarmos nas formas como as NTICs são e foram utilizadas pelo movimento antiglobalização, por exemplo, como demonstram Cairo Carou e Bringel (2010), levantamos a possibilidade de um tipo de mobilização que coloca em cena um alargamento das possibilidades de ação para um ator que pode agir localmente pensando globalmente.

Não se trataria apenas do “pensar global e agir local”, mas o que está explícito quando a plataforma diz que sua missão é empoderar qualquer pessoa a mudar o que quiser, é estimular a ideia de um cidadão global, apto a agir dentro das vias institucionais e legais, atuando a partir de sua residência na mudança de questões incômodas em qualquer lugar do mundo. É a plataforma que proporcionaria a esse ativista online global a possibilidade legal de mudar o mundo. Assim, um cidadão na Alemanha inicia uma petição sobre a violência cometida contra mulheres na Nigéria e a



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

plataforma inicia uma mobilização, no sentido de facilitar sua disseminação ou conectá-lo a uma rede de apoiadores para impulsionar o sucesso da empreitada.

A análise dos dados apresentados na plataforma nos indica que a mobilização é um aspecto muito importante para a atuação da Change.org. Está claro que a empresa promove a criação de uma rede para a distribuição de petições, enviando emails para outros membros, divulgando no Facebook, Twitter ou mesmo na mídia tradicional, disseminando a informação na expectativa que isto possa levar outras pessoas a tomarem contato com o problema apresentado, apoiar assinando as petições e mesmo se inspirar ao ponto de criar sua própria petição. Mas a baixa interatividade entre esses membros apresentada nos canais de comunicação desta plataforma nos leva a pensar que o conceito de rede utilizado pela Change.org, afasta-se de uma perspectiva mais mobilizadora, no sentido de construções de agendas e vínculos, como aquelas colocadas por Keck e Sikkink (1998), deslocando-a para um caráter mais instrumental onde se pode entender a rede como uma ferramenta e não como um critério mobilizador.

Isso limita, embora não elimine enquanto potencial, o que poderia se apresentar como um ativismo online, como mobilizações viabilizadas pela internet que dá a possibilidade de ampliação das fronteiras nacionais e que são um dos pilares do ativismo transnacional. De qualquer maneira é inegável perceber que as petições online se inserem dentro de um campo de repertórios de ação, inaugurado com a NTICs, que podem proporcionar mobilização e visibilidade a atores e causas direcionados para o âmbito institucional.

Empresa social, gestão de negócios e ativismo

As petições em si carregam traços institucionais importantes que devem ser levados em consideração para pensarmos o ativismo dentro do contexto valorativo do capitalismo contemporâneo, seguindo a argumentação teórica de Boltanski e Chiapello (2009). Neste sentido, a concepção de um ativismo gerado a partir de um modelo de organização de gestão de negócio, inovação e tecnologia, devidamente capacitado e reconhecido, aparece como receita garantida de sucesso. Por outro lado, quando pensamos em petições ou abaixo-assinados, imediatamente nos remetemos a um documento que será analisado ou julgado por instâncias isentas e justas, cuja



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

responsabilidade moral e social lhes dá, deveria dar, uma condição de legitimidade inquestionável para julgar e tomar decisões em prol do bem estar individual e comum.

Não é à toa que as instâncias governamentais, o judiciário e os organismos internacionais como a ONU e a OEA sejam o objetivo último e primordial das plataformas de petições online. É como se a ideia disseminada nesse tipo de estrutura levasse a crer que, quanto maior e mais global a instância institucional que julgará a petição, mais justas e neutras elas seriam, o que aumentariam as chances de vitória. O que talvez possa reforçar o fato da maioria das petições, mesmo as locais, apelarem para instâncias nacionais e internacionais.

Tendo em mente este panorama, a autodefinição da plataforma como empresa social, com certificados de eficiência e transparência, indica um enquadramento perfeito como exemplo de modelo de negócios, altamente qualificado para atender às exigências legais de responsabilidade social, confiança a gerenciamento dos recursos arrecadados. Seguindo os mesmos padrões de exigência das ONGs de atuação transnacional. Essas organizações ou empresas precisam ter sua gestão aprovada, como requisito fundamental para a sua atuação e captação de recursos. A essencialidade do serviço prestado na plataforma se cristaliza nas petições, melhor dizendo, na garantia da entrega das petições às devidas instâncias institucionais aptas para julgá-las. Além de outros “subserviços”, como a possibilidade de conectar as pessoas e organizações predispostas a incrementar financeiramente a causa e equipe qualificada para assessorar a criação da campanha.

Podemos compreender que o ativismo presente nessas plataformas de petições online está totalmente direcionado para o campo da institucionalidade, algo parecido com o que Sequeira e Silva (2014) chamam de ativismo no judiciário. Os autores tentam mostrar uma relação direta entre direito e política, que molda as formas de ação e mobilização transacional para resolver problemas locais. O tipo de ativismo estimulado pela Change.org está focado nas instituições, desde seu início (relação entre o indivíduo e criação da petição na plataforma da empresa), seu meio (a petição em si e a busca de apoiadores e divulgação pela empresa) e seu fim (quando a empresa entrega a petição às instâncias institucionais). Apesar da presença de organizações realizando petições, a maioria delas é criada por pessoas e, como foi apresentado na própria definição e objetivos da plataforma, a



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ideia é empoderar essas pessoas, estimulando um ativismo de cunho individual, intitucional, local e global, levando seus membros a crer que essas instituições possam de fato promover uma justiça local e global.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

V. Conclusões

Dentro do modo como a noção de ativismo se delinea na plataforma – a forma de organização empresarial, determinada por modelo de gestão que tem como base a inovação e a atuação estritamente institucional – a Change mobiliza valores que colocam no indivíduo a possibilidade de transformação. A plataforma tem como mote estimular um ativismo, principalmente de forma individual, tendo como princípio a ideia de que é possível qualquer pessoa mudar o que se queira e onde se queira, via as petições online. Aqui, o elemento da ferramenta online ganha força e, como desdobramento, ela se apresenta como uma ferramenta de ativismo, ou seja, uma ferramenta pensada para que cada pessoa tenha a possibilidade de mudar o que queira.

Ela tem algum elemento que aponte para um ativismo transnacional? Se olharmos sua publicidade, a organização das campanhas visuais etc., temos a impressão de que essa dimensão transnacional é constitutiva do sentido de ativismo mobilizado pela plataforma, mas, sua organização de petições é fundamentada localmente, ou seja, é pautada no idioma que se escolhe para navegar nela. Assim, mesmo que o critério global seja fundamental para que seus articuladores fundamentem o ativismo por trás da plataforma, a transnacionalização das demandas só se apresenta como potência. A plataforma, portanto, organiza suas ações globalmente e não de maneira transnacional.

Esse foco global se torna possível pelo tipo de gestão que, de alguma forma, a plataforma reivindica. Sua organização em modelos empresariais, tendo como foco a inovação e o empreendedorismo, dão espaço para o direcionamento global como forma de expansão da organização implementada por ela. Assim, quando pensamos na Change em matéria de gestão, pensamos também em ONGs e organizações que também tem esse foco. Mais uma vez, empreendedorismo e ativismo se confundem na plataforma, mesmo que de maneira indireta.

As demandas institucionais são o polo de compreensão da efetividade das ações. Como as petições precisam ser entregues aos órgãos responsáveis por um determinado assunto, a



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

institucionalidade, entendida aqui como espaço regulado de processos e ações formais e legais, é a garantia de que as demandas serão ouvidas e que as ações cabíveis serão tomadas, mesmo que essas ações não ocorram. Nessa compreensão, existe o pressuposto de que quanto maior a instância institucional que a petição é direcionada, mais neutra e justa ela tende a ser. Nesse sentido, a maneira de atuação é muito parecida com a forma de organização. O que garante essa ponte é a foto de que o repertório da plataforma se concentra nas petições e são essas petições que mediam a relação entre organização, atuação e globalização das ações.

Por fim, a plataforma Change sintetiza, desde sua definição até seu foco nas petições, elementos difusos que estão presentes na reconfiguração de determinados espaços de ativismo. Ela tenta inovar na forma como as pessoas se relacionam com seus valores e suas demandas, oferecendo um tipo de serviço que está entre o empreendedorismo e o ativismo propriamente dito. O sinal que esse aspecto dá, ao menos em termos iniciais, é que existe uma tensão inerente a esse tipo de atitude que está circunscrita na ideia de que política se confunde com vontade e vontade, tendo como foco uma justiça neutra, muda uma determinada situação. Certas noções são tidas como Universais e sem explicação - a noção de democracia é uma delas - não precisando de conceitualização nem referências valorativas diversas. Uma pergunta que fica, mesmo depois da reflexão que desenvolvemos aqui, é, até que ponto esse sentido de ativismo está preocupado com mudança de fato? Ou seja, até que ponto, ao pegar situações individuais e não colocá-las em contextos amplos, estruturais digamos, a plataforma se preocupa com a mudança?



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

VI. Bibliografía

ALCÂNTARA, Livia Moreira de (2015). *Ciberativismo e movimentos sociais: mapeando discussões*, **Aurora: revista de arte, mídia e política**, 8(23): 73-97, Junho-Setembro

AZEVEDO, Laercio Prates de. *As distintas percepções sobre o empreendedorismo social*. 2015. 123 f. Dissertação (Mestrado – Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas) – Fundação Getúlio Vargas, 2015.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Eve. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

BOLTANSKI, Luc; THÉVENOT, Laurent. *De la justification: les économies de la grandeur*. Paris: Gallimard, 1991.

CAIRO CAROU, Heriberto; BRINGEL, Breno (2010). *Articulaciones del Sur Global: afinidad cultural, internacionalismo solidario e Iberoamérica en la globalización contrahegemónica*, **Geopolítica(s) - Revista de estudios sobre espacio y poder**, 1(1): 41-63

DUMONT, Louis. *Essais sur l'individualisme: une perspective anthropologique sur l'ideologie moderne*. Paris: Éditions du Seuil, 1983.

HIRSCHIMAN, Albert O. *As paixões e os interesses: argumentos políticos a favor do capitalismo antes do seu triunfo*. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

KECK, Margaret E.; SIKKINK, Kathryn (1998). "Transnational advocacy networks in international politics: Introduction", *Activists beyond borders: advocacy networks in international politics*. Ithaca: Cornell University, p. 1-29.

SEQUEIRA, João Elbio; SILVA, Maria Dolores (2014). *O Ativismo Judicial Transnacional e a "Transnational Advocacy Network" na Construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte*, **Política Hoje**, 23(2): 177-202

WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio